

A DISCRIMINAÇÃO DA *INTELLIGENTSIA* NO CAMPO CIENTÍFICO BRASILEIRO

Roberta Arêas¹
roberta.silva@capes.gov.br
Ademir E. Santana²
a.berti.santana@gmail.com
Marcia C. Barbosa³
marcia.barbosa@ufrgs.br

2

Neste trabalho propomos a utilização do conceito *discriminação da intelligentsia*, uma generalização de a noção de racismo da inteligência de Bourdieu, para descrever o mecanismo de exclusão que as mulheres sofrem para ascender às posições de liderança no campo científico. Consideramos de início que a ciência é uma das principais estruturas sobre a qual as sociedades modernas se apoiam, de maneira que uma análise da distribuição do poder nesse campo, reflete também uma análise da distribuição do poder no campo social, e vice-versa. Para consubstanciar a análise de modo representativo, tratamos como estudo de caso a ocupação das presidências das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa desde suas respectivas inaugurações. O resultado mostra que a presença feminina correspondeu, em média, a 13% dos postos. Conclui-se que esse tipo de desigualdade é reflexo da estrutura androcêntrica naturalizada no campo científico. **Palavras-chave:** misoginia; gênero; racismo da inteligência; Bourdieu; discriminação da intelligentsia

1. INTRODUÇÃO

As mulheres são a metade da população mundial, entretanto não ocupam a metade das posições de chefe de Estado, nem a metade das cadeiras dos parlamentos e tampouco a metade dos cargos de presidentes das empresas, sejam públicas ou privadas (WORD ECONOMIC FORUM, 2018). Análises acuradas revelam que ideias preconcebidas e simplistas de que a mulher é o “sexo frágil” e “intelectualmente inferior” (LESLIE et al, 2015; BIAN; LESLIE; CIMPIAN, 2017) se estabeleceram através de um processo de naturalização social androcêntrica⁴. Essa naturalização gera, contudo, barreiras invisíveis, de difícil transposição,

1. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 91501-970, Porto Alegre, RS, e, CAPES, Ministério da Educação, 70040-020, Brasília, DF, Brasil

2. Centro Internacional de Física, Universidade de Brasília, 70910-900, Brasília, DF, Brasil;

3. Instituto Internacional de Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 91501-970, Porto Alegre, RS

⁴ A androncentria, termo que define a tomada do homem (masculino) como centro de todas as referências, foi criado em 1903 pelo sociólogo americano Lester F. Ward, refere-se ao fato do ponto de vista e das experiências

que muitos autores denominam *glass ceiling* (MORRISON; WHITE; VAN VELSOR, 1987). Ou seja, há processo que exclui as mulheres dos espaços de poder (GUPTA, 2018). que mantém o “clube do bolinha” praticamente isolado nas posições de tomada de decisão e liderança. A noção de *glass ceiling*, embora importante na caracterização do quadro de naturalização, não é suficiente na análise da dinâmica de segregação das mulheres no âmbito dos espaços sociais. O entendimento desse mecanismo pode apontar para uma possível superação do problema.

As análises revelam que as desigualdades de oportunidade entre homens e mulheres permeiam a sociedade nas diferentes esferas, política, econômica e social. Demonstram também a historização de um processo de misoginia⁵ - comum às diferentes culturas, socialmente construído e inculcado na maneira que os indivíduos leem o mundo - que atravessou os séculos, persiste e se mostra longe de ser resolvido (ABRAMO, 2006). Usualmente, as questões das desigualdades de gênero são abordadas a partir de dois pontos inter-relacionados: a violência implícita, também chamada de violência simbólica, e a brutalidade explícita contra a mulher⁶ (SANTANA, 2014; BRASIL, 2018; ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2013,2018).

A violência simbólica é uma agressão socialmente construída que ocorre por meio de imposições de significações. Significações essas que integram a transmissão de cultura e são apresentadas como interpretações naturais do mundo e de seus agentes; assim, tornam-se inquestionáveis, uma realidade posta, a única opção possível para uma dada percepção ou comportamento, moldando a forma de pensar e agir dos indivíduos, sem que esses, necessariamente, percebam o processo autoritário ao qual estão submetidos (CATANI et al, 2017). Essa crueldade pode escapar aos olhares desatentos porque está camuflada nas significações do mundo social. Esse conceito trata de interpretações complexas do ambiente ao qual os agentes estão expostos, ambientes que ensinam no dia a dia, por meio de suas formas concretas e abstratas (NICHOLSON, 2017)..

masculinas serem consideradas como comuns a todos os seres humanos e tidas como uma norma universal, tanto para homens quanto para mulheres, sem que sejam devidamente consideradas as experiências e percepções femininas (FINLAY, 1999).

⁵ A Misoginia neste artigo é entendida como o conceito posto por Morgan-Curtis no livro *International encyclopedia of men and masculinities*: “A misoginia é o ódio às mulheres. Embora mais comum em homens, a misoginia também existe e é praticada por mulheres contra outras mulheres ou até elas mesmas. A misoginia funciona como uma ideologia ou sistema de crenças que acompanha as sociedades patriarcais, ou dominadas por homens, há milhares de anos e continua a colocar as mulheres em posições subordinadas com acesso limitado ao poder e à tomada de decisão”(FLOOD, 2007 p.443).

⁶ No presente trabalho, o termo gênero foi tratado conforme a identificação tradicional homem/mulher. No entanto, ressalta-se a importância de ampliar a discussão acerca das expressões não binárias de gênero, e também de outros fatores de identidade que poderão ser estudados e acolhidos em estudos futuros. Para revisão de literatura acerca do tema, sugere-se as seguintes leituras: CORNWALL AND SARDENRG, 2014; SCALA, F. AND S. PATERSON. 2017, SAX, 2017 E HOOKS, 2019.

Bourdieu (1998) conceitua a violência não explícita da seguinte forma:

[...] violência simbólica, violência suave insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Essa relação extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de aprender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico, conhecido e reconhecido, tanto pelo dominante quanto pelo dominado[...].

A partir dessa definição é possível identificar que a violência simbólica é o mecanismo diamantino utilizado para estabelecer relações de dominações em vários contextos sociais, dentre os quais, a dominação do feminino pelo masculino. Além disso, fica evidenciado que o mundo simbólico é o principal meio pelo qual a dominação, em especial a masculina, é exercida, sendo esta a legitimadora da violência estabelecida na esfera física. E por fim, salienta um aspecto pouco discutido e fundamental da relação, para que haja a dominação, o dominado concorda com a sua posição. Essa concordância, muitas vezes tácita e inconsciente, está relacionada à inculcação de significações, de regras socialmente construídas e à apresentação destas como naturais, até mesmo científicas, gerando assim um imperialismo cultural da classe dominante, que é em medida ampla homem-centrado. Em nada perdendo em brutalidade para a violência explícita, a violência implícita é imposta ao ser individual que é acometido por enfermidades, desde transtornos psicológicos a frustrações permanentes, dentre outros (BOURDIEU, 1998; ABRAMO, 2006; SANTANA, 2014).

Em suas análises para a caracterização do mecanismo da violência simbólica, Bourdieu identificou como estruturantes universais o capital cultural e o capital econômico. No que pese o capital cultural, a ciência, e a produção do saber científico, se constitui em um dos construtos das sociedades modernas. Nisto reside a importância atribuída às universidades e à sua comunidade na edificação de sociedades, industriais ou pós-industriais (JORDAIN; NAULIM, 2017). Todavia, a formação do campo científico também não escapa do selo androcêntrico, desde a divulgação científica em tenra idade (VAN DER LEE; ELLEMERS, 2015; WESSEL, 2016; BAYLEY, 2016; NICHOLSON, 2017; SOARES, 2018; CATANI et al, 2017). Alguns elementos preliminares corroboram a essas informações. Dados do The Global Gender Gap Report, produzido pelo World Economic Forum revelam que, em 2018, somente 34% dos cargos gerencias, nos 149 países avaliados, eram ocupados por mulheres (WORLD ECONOMIC FORUM, 2018). No campo profissional das engenharias (centro dos quadrantes superiores), em 2016, em uma matéria da conhecida Harvard Business Review, Susan Silbey descreveu que elas são 13% da força de trabalho com essa qualificação nos Estados Unidos

(SILBEY, 2016). Quando avaliados o quadro de professores universitários, no ano de 2005, detectou-se que no Brasil a mulheres representavam cerca de 36%, podendo em algumas áreas do conhecimento como na Física, a sub-representação cair a 14% (AREAS et al, 2019).

Enquanto se observa uma aparente conquista de equidade de gênero, a discussão da androcentria nas esferas de poder, particularmente no campo científico, é fundamental. Diversos estudos apontam para uma participação cada vez maior das mulheres nas diversas áreas das atividades sociais, e até mesmo de crescimento significativo, quanto ao número de mulheres em cursos universitários de graduação em áreas tipicamente masculinas, como engenharias, física e química. No entanto, a despeito do aumento da participação feminina na graduação (que se constitui no primeiro nível da ciência, mas voltado também para a atuação na cadeia produtiva imediata), a participação de mulheres nas áreas de pesquisa (como nos níveis de doutorado, pós-doutorado, e pesquisadores seniores) ainda é bem menor que a dos homens (SAITOVITCH; BARBOSA, 2015). Esta diminuição é de maior impacto se analisarmos posições de poder como a Academia Brasileira de Ciências (FERRARI, 2018) onde o percentual de mulheres em todas as áreas do conhecimento é significativamente menor que o percentual de mulheres no topo da carreira acadêmica. Essa contradição normalmente é explicada pelo senso comum através da naturalização de certa falta de inclinação das mulheres para a ciência.

Este mesmo tipo de estereótipo naturalizado na aquisição de capital cultural tem sido estudado em diferentes contextos. Considerando as relações entre classes sociais, Bourdieu (1980). denominou de racismo da *intelligentsia*, noção que se refere ao julgamento que os indivíduos fazem das pessoas menos escolarizadas e ao fato de atribuírem essa condição à uma menor aptidão natural, uma menor inteligência nata. Segundo Bourdieu: “O racismo da inteligência é um racismo de classe dominante que se distingue por uma grande multiplicidade de propriedades daquilo que é habitualmente designado como racismo, quer dizer o racismo pequeno burguês que é o objetivo central da maior parte das críticas clássicas do racismo ... é próprio de uma classe dominante cuja reprodução depende, por um lado, da transmissão do capital cultural. Quase irreconhecível é uma discriminação à base da inteligência, inteligência que é possível ser medida pelo sistema escolar vigente, e que é passada como dom natural” (BOURDIEU, 1980).

A discriminação advinda da classificação escolar é por muitas vezes sancionada pela própria ciência. Todavia, os dotes e os dons são acúmulos de capital cultural, construídos desde a infância. Neste cenário, o assim denominado racismo da *intelligentsia* se desenvolve não somente no contexto de luta entre classes sociais, como inicialmente o conceito foi introduzido

e explorado. Esse processo de naturalização insidiosa de transmissão de capital cultural ocorre também intra-classes sociais, em particular nas relações de gênero. Este processo é longo e tem origem desde o seio da família e a escola infantil, superestruturas a impor e a garantir perpetuação da segregação imposta à menina quanto a certas escolhas, que vão desde brincadeiras, escolha de cores e roupas, até a perspectiva de sonho de profissão (BIAN, 2017). Aquela que no decorrer da vida se coloca em perspectiva contrária, enfrenta a barreira da discriminação naturalizada; e esse processo se reflete na academia (SANTANA, 2014; MARSHAMAN, 2018), incluindo a docência (ATIR, 2018). Um dos objetivos do presente é estudar o mecanismo desse processo de estereotipação e discriminação da mulher na academia. Como é um fenômeno que ocorre também intra-classe social, usaremos o conceito de racismo da *intelligentsia* generalizado para o contexto do campo científico e o denominaremos de discriminação da *intelligentsia*. Abordaremos, enquanto um estudo de caso e a título de exemplo, aspectos do campo científico no Brasil, ou seja, da academia brasileira

Na academia brasileira há estudos os estudos tratando da exclusão vertical e da exclusão horizontal imposta às mulheres. Em 2015, Saitovich e colaboradores discutiram as razões pelas quais a proporção de mulheres na Física ainda é muito pequena, a despeito de em outras áreas do conhecimento notar-se avanços no que se refere à equidade de gênero. Por exemplo, foi identificado que, ao avaliar a concessão de bolsas do CNPq para todas as áreas do conhecimento, no ano de 2012, as mulheres variam o percentual entre 51-57% dos beneficiários, mas ao observar somente a Física, esses valores decresceram para aproximadamente 16-38%. No caso da distribuição de bolsas Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ), a maior discrepância é encontrada na hierarquia mais disputada, nível PQ1A e nas áreas de Ciência Exatas e da Terra, chegando a 5% o percentual feminino nos grupos de maior prestígio (BEZERRA, 2019).

Avaliando as populações dos discentes e docentes da Pós-Graduação nacional, incluindo as ocupações das posições de coordenação de cursos de pós-graduação, coordenação de Área da CAPES, presidentes da CAPES, presidentes do CPNq e outras representações do alto escalão do sistema nacional de Pós-Graduação e Ciência e Tecnologia nacionais, Areas et al (2020) apresenta dados que demonstram a diminuição das mulheres à medida que há avanço na carreira. Em 2015, as mulheres representavam 53% da população discente, mas somente 42% dos docentes, 40% dos coordenadores de cursos e 23% dos coordenadores de Área da CAPES. Estratificando os dados da Física, os valores descritos foram, 22%, 13%, 12,5% e 0% respectivamente (AREAS et al., 2019).

Esses resultados, mesmo não sendo exaustivos, avaliam um período recente, e assim,

permitem identificar que os processos de exclusão vertical são mecanismos operantes na atualidade, que necessitam ter suas origens e dinâmicas elucidadas. Nesse cenário, o presente trabalho teve como um dos seus objetivos verificar a androcentria na academia brasileira tomando por estudo de caso a ocupação feminina nas presidências das Fundações de Amparo Estaduais, desde a inauguração de cada uma das instituições estudadas. Tomamos como hipótese inicial de trabalho o entendimento de que, embora a participação feminina tenha aumentado em diversas áreas, no que diz respeito ao campo científico, enquanto um construto social, a androcentria é dominante principalmente nas esferas determinantes do poder no campo. A seguir serão apresentadas as seguintes seções: metodologia e coleta de dados; resultados e discussão, conclusões e, por último, as referências bibliográficas.

7

2. METODOLOGIA E COLETA DE DADOS

Nesta seção abordamos a metodologia utilizada, o procedimento de coleta de dados e apresentação dos resultados.

2.1. METODOLOGIA

A metodologia adotada foi a Hermenêutica de Profundidade segundo a proposta feita por Ricoeur e por Jürgen Habermas, discutida na obra *Critical Hermeneutics*, compilada, editada e traduzida, em 1981, por Thompson⁷. Nas obras *Critical Hermeneutics* (THOMPSON, 1981) e *Ideologia e Cultura Moderna* (THOMPSON, 2011), o autor detalha minuciosamente o referencial metodológico e destaca que a ferramenta é particularmente interessante para pesquisas que tratam da análise do campo simbólico dado que fenômenos sociais, objeto de estudo do sociólogo, definem e são definidos, em grande parte, pelas formas simbólicas presentes no ambiente. O método é dividido nas seguintes fases: análise sócio histórica, análise formal ou discursiva e a interpretação/reinterpretação (Veronese; Guareschi, 2006).

A primeira etapa, também denominada hermenêutica da vida cotidiana, é a contextualização sócio histórica do tema estudado, mais precisamente, o detalhamento da formação e evolução de uma dada realidade. Trata-se de descrever temporalmente o espaço social (ou a fração dele em estudo) considerando suas características mais estruturantes e resilientes, pressupondo que é no contexto sócio histórico onde se dão os fatos e os processos de produção, transmissão e recepção das formas simbólicas.

⁷ Sociólogo, inglês e docente da Universidade de Cambridge, Thompson, na obra *Critical Hermeneutics* reuniu uma série de textos de Ricoeur e de Jürgen Habermas a partir dos quais compilou a metodologia conhecida por Hermenêutica de Profundidade.

A etapa subsequente é a análise formal da coleta dos dados, da quantificação e/ou qualificação das informações a serem analisadas, das representações objetivas da experiencição naquele campo, no caso apresentado, o campo científico brasileiro. Neste estágio é possível, e até mesmo desejável, que outras metodologias sejam combinadas como Análise da Narrativa, Análise do Discurso, Análise Estatística etc. Na presente pesquisa foi utilizada a estatística descritiva para a apresentação dos dados coletados. Os dados foram acessados diretamente nos respectivos sítios eletrônicos ou solicitados nos termos da Lei de Acesso à informação⁸.

Por fim, na terceira fase, é realizada a interpretação/reinterpretação do fato pesquisado a partir da retomada das colocações iniciais e dos resultados da etapa anterior, emergindo assim a proposição de uma nova narrativa crítica, pautada em dados objetivos e desprendida de conclusões superficiais. Ainda que a interpretação do mundo social seja uma atividade cotidiana e realizada por qualquer pessoa que viva em nossa sociedade, Veronese & Guarechi (2006) relembra que “a diferença entre a leitura do transeunte e a do hermeneuta está na profundidade que este alcança em razão da utilização do método científico”. Método este que contempla desde a análise histórica referenciada, à utilização de dados rigorosamente obtidos e tratados (NAZÁRIO; REINO; MANFREDINI, 2006). Assim, entende-se a presente pesquisa como quali-quantitativa, pois contempla as esferas extensa e intensa, conforme propostas por Pedro Demo (2017). Extensa por investigar o alcance do fenômeno e intensa por propor-se aprofundar a discussão dos aspectos que estão além do materialmente observável e mensurável.

2.2. COLETA DE DADOS

No Brasil, existem 27 unidades federativas, somente uma delas não possui Fundação de Amparo à Pesquisa, ou seja, são 26 FAPs ativas. Na presente pesquisa, apresentamos os dados

⁸ A Lei nº 12.527/2011, conhecida no Brasil como Lei de Acesso à Informação (LAI), regulamenta o direito constitucional de acesso às informações públicas. Essa norma entrou em vigor em 16 de maio de 2012 e criou mecanismos que possibilitam, a qualquer pessoa, física ou jurídica, sem necessidade de apresentar motivo, o recebimento de informações públicas dos órgãos e entidades. A Lei vale para os três Poderes da União, Estados, Distrito Federal e Municípios. Entidades privadas sem fins lucrativos também são obrigadas a dar publicidade a informações referentes ao recebimento e à destinação dos recursos públicos por elas recebidos. O cidadão interessado em receber a informação deve procurar fisicamente o órgão de interesse ou acessar os sites disponibilizados pelo poder público. No caso do Governo Federal, esse serviço está disponível em: <http://www.acessoainformacao.gov.br/assuntos/conheca-seu-direito/a-lei-de-acesso-a-informacao>. Para estados e municípios recomenda-se buscar os endereços eletrônicos do poder executivo local. Alguns dos links estão disponíveis da Tabela 1 do capítulo XI. É oportuno esclarecer que os procedimentos para a liberação da informação sofrem variações, em alguns estados, são cedidos protocolos de consulta pública, em outros, as respostas às demandas são enviadas de forma privada por sistema e/ou e-mail cadastrado

de 11 dessas Fundações, pois as demais não disponibilizam seus dados de ex-presidentes em seus respectivos sítios eletrônicos e/ ou não responderam às solicitações de informação até o momento em que as análises foram finalizadas. A busca de dados foi dividida em duas etapas. Inicialmente buscou-se nas páginas eletrônicas institucionais e nos documentos oficiais disponíveis na internet, e para as quais não foi possível identificar os dados de interesse, as informações foram solicitadas por meio de formulários eletrônicos, pelos serviços de atendimento eletrônico ao cidadão LAI. Com esses procedimentos foi possível acessar os dados das Fundações dos estados de Alagoas (FAPEAL), Bahia (FAPESB), Espírito Santo (FAPES), Goiás (FAPEG), Minas Gerais (FAPEMIG), Paraná (Fundação Araucária), Pernambuco (FACEPE), Piauí (FAPEPI), Rio de Janeiro (FAPERJ), Rio Grande do Sul (FAPERGS) e São Paulo (FAPESP).

FAP	Endereço Eletrônico utilizado para obtenção da informação
FACEPE	http://www.facepe.br/a-facepe-historico-presidentes-e-diretores-cientificos-3/
FAPEAL	http://fapeal.br/institucional/ex-presidente/
FAPEG	Goiás Transparente (http://www.transparencia.go.gov.br/portaldatransparencia/) Protocolo 2019.0812.125611-79
FAPEMIG	Portal da Transparência do Estado de Minas Gerais (http://www.acessoinformacao.mg.gov.br/) Protocolo 02070000022/2019-90
FAPEPI	http://www.fapepi.pi.gov.br/institucional/ospresidentes/
FAPERGS	https://fapergs.rs.gov.br/ex-dirigentes
FAPERJ	http://www.faperj.br/downloads/revista/galeria_presidentes.pdf
FAPES	Prodest (https://sistema.ouvidoria.es.gov.br/publico/Manifestacao/ConsultarManifestacao.aspx) - Protocolo 2019080555 Código de acesso ZKoQ5UtF
FAPESB	TAG (http://www.ouvidoria.ba.gov.br/)- Sistema de Ouvidoria e Gestão Pública do Estados da Bahia - Protocolo 1782443
FAPESP	http://www.fapesp.br/5192
Fundação Araucária	http://www.fappr.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=146

Tabela 1. Endereços eletrônicos utilizados para obtenção da informação. Os dados do Rio de Janeiro referem-se somente até o ano de 2013, pois este é o ano final que trata o documento que foi obtido.

2.3 RESULTADOS

Na tabela abaixo estão apresentados os dados obtidos em nossa pesquisa. É possível observar que a melhor proporção de representatividade feminina, de 33%, é encontrada no estado do Piauí. A pior proporção, que é igual a zero, ou seja, instituições nas quais nunca houve uma mulher na liderança, é encontrada nas Fundações de Amparo de quatro estados: Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná e São Paulo (tabela 1).

Instituição	Região	Ano de Inauguração	Idade	Líderes totais (n)	Líderes homens (n)	%	Líderes mulheres (n)	%
FAPEPI	NE	1994	25	12	8	67%	4	33%
FAPEG	CO	2005	14	3	2	67%	1	33%
FAPESB	NE	2002	17	7	5	71%	2	29%
FAPES	SE	2005	14	10	8	80%	2	20%
FACEPE	NE	1990	29	7	6	86%	1	14%
FAPERGS	S	1969	50	17	15	88%	2	12%
FAPEAL	NE	1990	29	12	11	92%	1	8%
FAPEMIG	SE	1994	25	5	5	100%	0	0%
FAPERJ*	SE	1980	39	13	13	100%	0	0%
FAPESP	SE	1961	58	11	11	100%	0	0%
Araucária	S	2000	19	7	7	100%	0	0%
Média das FAP's				104	83	80%	13	13%

A média de mulheres na presidência das Fundações de Amparo é de 13%, um índice muito abaixo da proporção de mulheres na população do professorado universitário que é de 45% segundo o INEP (INEP, 2015). Se considerarmos que a soma das idades de todas as Fundações é de 319 anos e as quatro Fundações nas quais nunca houve liderança feminina respondem por 44% desse total (idades somadas de FAPEMIG, FAPERJ, FUNDAÇÃO

ARAUCÁRIA e FAPESP é igual a 141), verificaremos que essa distribuição de oportunidade entre homens e mulheres foi ainda mais desigual. Não obstante, cabe destacar que as instituições da região sudeste, particularmente a Fundação de Amparo do Estado de São Paulo (FAPESP), são tidas como os *players* mais importantes do grupo analisado em razão do capital econômico e de poder que historicamente acumulam.

3. ANÁLISE DE RESULTADOS

A discriminação da *intelligentsia* está presente no campo científico brasileiro. Se por um lado as mulheres expandiram sua participação no mercado de trabalho da produção de conhecimento, por outro, suas atividades continuam submetidas aos interesses dos grupos dominantes que são, em sua maioria, formados e liderados por homens. O “efeito tesoura” descrito nos artigos supra apresentados é uma das representações mais óbvias dessa perniciosa realidade.

Os achados dos artigos que discutem a área da Física indicam a baixa representatividade das mulheres nesse subcampo, particularmente nos centros de decisão. Este cenário, nos permite inferir um ambiente profundamente misógino ainda é vivenciado pelas mulheres que optam por transgredir os estereótipos e enveredam pelas “ciências duras”.

Ao analisar a presença feminina em outras disciplinas e em outras etapas da carreira científica e evidenciado que a exclusão vertical das mulheres na carreira científica, ao menos no Brasil, é uma indiscutível realidade. A análise de proporção de mulheres e homens nas etapas da carreira, ordenada do nível inicial para os mais altos postos, descortina o campo da ciência nacional e não deixa quaisquer dúvidas de que, a esfera de decisão é um ambiente no qual as mulheres não são bem-vindas, definitivamente, um “clube da bolinha”.

Abreu (2020)⁹ cita em uma entrevista cedida ao GT ASCAPES MULHERES, que a literatura tem indicado que o *rush hour*¹⁰ é vivenciado de forma muito diferente por homens e por mulheres, e isso seria um dos principais fatores explicadores do efeito tesoura. É na diferença de possibilidades do *rush hour* que se faz presente a violência simbólica, quando as condições para o desempenho de uma dada atividade a torna inexecutável ou muito mais difícil para mulheres que para homens, unicamente pela assimilação de regras sociais. Sem que precise

⁹ABREU, A. **Entrevista sobre o Dia Internacional das Mulheres**. Entrevistador: Grupo de Trabalho para Assuntos de Gênero da Associação dos Servidores da CAPES. Brasília, 2020.

¹⁰A *rush hour* ou *hora do rush* é entendida como a fase da vida em que as demandas da carreira e as demandas domésticas são altas, a tal ponto que se tornam concorrentes, impondo encruzilhadas, particularmente às mulheres, que têm de constantemente fazer escolhas relacionadas a ter filhos, por exemplo, ou desenvolver a carreira.

estar explícito, pela imposição de barreiras sutis, direta ou indiretamente ligadas ao espaço profissional, as mulheres são desestimuladas a permanecer e/ou progredir num campo que exige certos padrões de dedicação e disponibilidade.

Nesse contexto enfatiza-se a necessidade de aprofundar as discussões que, por vezes, findam por estabelecer certa perspectiva promissora de equidade de gênero nas sociedades, já que é observado crescimento da participação feminina em alguns segmentos. É indispensável diferenciar causas primárias de seus efeitos. Há certa superestimação ao observar o aumento significativo da participação das mulheres níveis mais iniciais das atividades científicas. Mas essa dinâmica não surpreende e nem contraria o modelo androcêntrico posto, e de fato é até esperada, pois quando há aumento expressivo da demanda da força de trabalho, as mulheres são convocadas. Este fenômeno observado no campo científico guarda similaridade com outros campos do saber, em outros momentos históricos. Como um exemplo, é interessante mencionar a presença feminina em número majoritário em dois momentos distintos: no início das Ciências da Computação (ASHCRAFT et al, 2016) e na participação quase universalizada das mulheres no mercado de trabalho no período da Segunda Guerra, mas a nos dois casos a androcentria fora a regente do poder e das políticas de trabalho, e à presença feminina restava o pouco prestígio e os baixos salários. Fenômeno similar acontece nos dias atuais com a massificação da produção do saber científico. Ou seja, abre-se espaços para a participação feminina em uma escala ampla na base da pirâmide de produção. No entanto, isto não é necessariamente permanente e nem implica no acréscimo da participação de mulheres no topo da pirâmide do saber, o local simbólico onde são tomadas as decisões das políticas regendo toda a cadeia de produção do conhecimento. Esse resultado é sustentado ao constatar-se que, como vimos, a participação de mulheres nas altas posições é praticamente nula e sem perspectiva de mudanças.

Para muitos autores, o problema de gênero em ciência se deve a não participação expressiva de mulheres em atividades consideradas fundamentais ao desenvolvimento profissional científico, como por exemplo, na arbitragem da produção submetida à revistas científicas, na apresentação de palestras nos congressos, na indicação a prêmios, entre outros (LERBACK E BROOKS, 2017). No entanto, essa é uma abordagem de análise de natureza secundária, e como tal, pode conduzir a premissas equivocadas, como a falsa observação de tendência de equidade devido a massificação. A conclusão é que a análise dos elementos de natureza primária, ou seja, dos agentes de disputa por capital dentro do campo científico, estabelece a estrutura dinâmica e suas tendências. Isso revela a tendência de perpetuação de práticas androcêntricas e insidiosas no dia-a-dia das relações científicas. De fato, as políticas científicas são traçadas, delineadas e consumadas por grupos compostos em sua maioria por

homens. Jaz aqui o ponto central, pois esses delineadores de curso irão imprimir em toda a cadeia de ações a marca da androcentria, desencadeando, de cima para baixo, a discriminação da *intelligentsia*. Quem define o revisor da revista? Quem financia os congressos e os prêmios? Sem a alteração da estrutura, a melhora ou piora do quesito de equidade de gênero fica “à mercê” das necessidades de mercado.

Em Ciências, para aquelas áreas que se ligam a produção do conhecimento aplicado à tecnologia, e portanto, mais facilmente ao poder, como a física e engenharia, a porcentagem de mulheres já é reduzida desde os níveis mais iniciais da carreira, graduação e pós-graduação. Essa exclusão horizontal é complementada pelo *glass ceiling*, que não permite a ascensão às posições hierárquicas mais influentes. Assim vemos o processo de exclusão horizontal complementar o de exclusão vertical. No caso acadêmico, essas altas posições determinam as regras do desenvolvimento e fomento do campo. No caso brasileiro, a título de exemplificação, basta observar as posições de Coordenadores de Área da CAPES, apresentado em Areas et al 2019, e os Presidentes dessas agências. Durante os seus 69 anos de existência, a CAPES teve somente 3 (três) mulheres ocupando a Presidência, a Sra. Suzana Gonçalves (1964 a 1966), a Profa. Eunice Ribeiro Durham¹¹ (1990 - 1992 e 1995) e a Profa. Maria Andrea Loyola (1992 a 1994). Nenhuma dessas lideranças femininas ocorreram nos últimos 25 anos, indicando que não avanço permanente na questão da equidade nas esferas de poder. O CNPq, por sua vez, jamais teve uma Presidenta, as mulheres tiveram sua expressão máxima de representatividade por meio de duas vice-presidentas, a Profa. Alice Rangel de Paiva Abreu¹² (1999 a 2002) e a Profa. Wrana Panizzi¹³ (2007 a 2011). Diante disso, conclui-se que, sem a mudança dos gestores das políticas, a conclamada equidade de gêneros em ciências não poderá ocorrer.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O androcentrismo tem como uma de suas consequências a misoginia, que por sua vez, é uma hostilidade generalizada contra a mulher, expressa no mundo social, principalmente, por meio da violência implícita, que justifica não só as agressões físicas, como também a manutenção de um campo simbólico que subjuga a mulher. A subjugação de grupos não-dominantes apresenta um mecanismo que se traduz, segundo Bourdieu (1980), em vários tipos de racismos, sendo uma de suas modalidades, o da *intelligentsia*. Definindo inicialmente como

¹¹ Entre os mandatos de 1991 e 1992 o Professor Sandoval Carneiro Júnior assumiu a presidência da CAPES. O histórico dos presidentes da instituição pode estar disponível em: <https://www.capes.gov.br/historia-e-missao>

¹² Informações obtidas pelo currículo lattes, disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9551097383922106>

¹³ Informações obtidas pelo currículo lattes, disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5859704174955618>

a atribuição de menores aptidões e inteligência nata à classe dos dominados, esse racismo também é constatado nas relações sociais intraclasse; e assim o conceito de racismo da *intelligentsia* pode ser generalizado para este contexto. Neste caso, para reforçar o aspecto de “intraclasse social”, adotamos a terminologia discriminação da *intelligentsia*, e a utilizamos como forma de estudar, na academia, o mecanismo que leva ao chamado *glass-ceiling*; ou seja a marginalização das mulheres.

Neste contexto, é importante salientar que os muitos desafios da modernidade, a exemplo das graves questões econômicas, ambientais e de saúde pública, demandam respostas urgentes do Campo Científico. A sociedade não pode abrir mão da melhor Ciência que puder ter, por isso, o redesenho para uma arquitetura do campo mais equânime nas questões de gênero, não pode ser entendida como mero interesse de grupos específicos, mas sim como a solução mais promissora para civilização humana.

Na esfera acadêmica, há uma demanda social para que políticas nacionais estejam alinhadas com as diretrizes de organizações como: *Organization for Women in Science for the Developing World* (OWSD) e *Women in Global Science and Technology* (WISAT), com iniciativas como *Athena SWAN* e *GenderInSite*, e setores da ONU, como o *Gender Advisory Board (GAB) of United Nations Commission for Science and Technology for Development (UNCSDT)*; que vêm produzindo uma série de documentos com diagnósticos e orientações, bem como fomentando a implementação de ações promotoras da inserção feminina na Ciência, em especial nas subáreas chamadas “Ciências duras” ou *STEM (Science, Technology, Engineering, and Mathematics)*.

Outros estudos precisam ser conduzidos para avaliar aspectos não considerados plenamente aqui. Por exemplo, o valor da força laboral é outro elemento de análise do mecanismo da androcentria no campo científico que requer estudos detalhados. A compreensão plena desse mecanismo que impede a ascensão no campo científico de mulheres aos postos de decisão é o que pode indicar as políticas públicas a serem adotadas, visando a equidade de gênero nesta área, com seu conseqüente impacto social. Esses são aspectos que abordaremos em outro lugar.

ABSTRACT

THE DISCRIMINATION OF INTELLIGENTSIA IN THE BRAZILIAN SCIENTIFIC FIELD

In this paper, we use the concept of *discrimination of Intelligentsia*, a generalization of the *racism of Intelligentsia* notion introduced by Bourdieu, to describe the mechanism of exclusion that women suffer to rise to leadership positions in the Scientific Field. We consider, a first point of view, that science is one of the main structures on which modern societies rely on, so that an analysis of the distribution of power in this field is also an analysis of the distribution of power in the social field, and vice-versa. In order to support the analysis in a representative way, we consider as a case study the occupation of the presidencies of the State Foundations for Research Support in Brazil since 2005. It was found that the female presence corresponded, on average, to 13% of the posts. We conclude that this type of inequality is a consequence of an androcentric structure underling, in a naturalized way, the scientific field.

Keywords: misogyny; gender; the racism of intelligence; Bourdieu; discrimination of the intelligentsia.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, L. **Trabajo decente y equidad de género en América Latina**. Oficina Internacional del Trabajo. Santiago: OIT, 2006.

AREAS, R.; BARBOSA, M. C.; SANTANA, A. E. Teorema de Emmy Nöther, 100 anos: alegoria da misoginia em ciência. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 41, n. 4, 2019.

AREAS, R.; ABREU, A.; NOBRE, C.; SANTANA, A. E.; AND BARBOSA, M. C. **Gender and the scissors graph of brazilian science: from equality to invisibility**. ArXiv e-prints. 2020.

ASHCRAFT, C.; MCLAIN, B.; EGER, E. **Women in tech: the facts** National Center for Women (NCWIT), p. 76. 2016.

ATIR, S.; FERGUSON, M. J. How gender determines the way we speak about professionals. **PNAS** vol. 115, no. 28, 7278-7283, 2018.

BAILEY, M. Harvard Med narrows faculty gender gap, but slowly. **Stat**, jan. 2016. Disponível em: <https://www.statnews.com/2016/01/12/harvard-medical-school-women/>. Acesso em: 29 out. 2019.

BEZERRA, G et al. Female Researchers in Science in Brazil:the Scissors Effect. In: **La Brecha de Género en Matemática, Computación y Ciencias Naturales**. Orgs. Montes, L.M. & Dawson, S.P. Sociedad Mexicana de Física (2019)

BIAN, L.; LESLIE, S.-J.; CIMPIAN, A. Gender stereotypes about intellectual ability emerge early and influence children's interests. **Science**, New York - N.Y., v. 355, n. 6323, p. 389, 2017.

BOURDIEU, P. **A Dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 1980.

BRASIL. **Panorama da violência contra as mulheres no Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2018.

CATANI, A. M. et al. **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. CHAVES, A. O. **Ciência Para um Brasil Competitivo**. CAPES, 2007.

CORNWALL, A.; SARDENBERG, C. Participatory Pathways: Researching Women's Empowerment in Salvador, Brazil. **Women's Studies International Forum**, v. 45, p. 72–80.

DEMO, P. **Pesquisa e informação qualitativa**. Campinas: Papyrus, 2004.

FERRARI, N. C.; MARTELL, R.; OKIDO, H., ROMANZINI, G.; MAGNAN, V. ; BARBOSA, M. C. ; BRITO, C. Geographic and Gender Diversity in the Brazilian Academy of Sciences, **Anais de Academia Brasileira de Ciências** 90, 2243 (2018).

FINLAY, B. Lester Frank Ward as a sociologist of gender: a new look at his sociological work. **Gender & Society**, v. 13, n. 2, p. 251-265, 1999.

FLOOD, M.; KEGAN GARDINER, J.; PEASE, B.; PRINGLE, K. **International encyclopedia of men and masculinities**. London: Routledge, 2007.

GENDERInSITE. **Pathways to Success: Bringing a Gender Lens to the Scientific Leadership of Global Challenges**. Preparado por: Waldman, L; Abreu, A; Faith, B; Hrynick, T; Sánchez de Madariaga, I; Spini, L. 2018. Disponível em: <https://genderinsite.net/news/genderinsite-report-completed-pathways-success-bringing-gender-lens-scientific-leadership>. Acesso em: 03 fev 2020.

GUPTA, S. Glass Ceiling in 21st Century: Women in Management. **International Journal of Management Studies**, v. 5, n. 3, p. 83-93, 2018.

HOOKS, B. **E eu, não sou uma mulher?** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.319p.

INEP. **Sinopses estatísticas da educação superior – graduação**. 2015. Disponível em: [at:=http://inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior](http://inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior)

JOURDAIN, A.; NAULIN, S. **A Teoria de Pierre Bourdieu e Seus Usos Sociológicos**. Petrópolis: Vozes, 2011. (Sociologia: Pontos de Referência).

LERBACK, J.; BROOKS, H. Journals invite too few women to referee. **Nature**, v. 541, n. 455, 2017.

LESLIE, S.-J. et al. Expectations of brilliance underlie gender distributions across academic disciplines. **Science**, v. 347, n. 6219, p. 262-265, 2015.

MARSHMAN, E. M.; KALENDER, Z. Y.; NOKES-MALACH T. ; SCHUMANN, C. ; SINGH, C. Female students with A's have similar physics self-efficacy as male students with

C's in introductory courses: A cause for alarm? Phys. Rev. Phys. Rev. Phys. Educ. Research 14, 020123, 2018.

MORRISON, A. M.; WHITE, R. P.; VAN VELSOR, E. **Can women reach the top of America's largest corporations?** New York: Perseus Books, 1987.

NATIONAL ACADEMY OF SCIENCES. **Beyond Bias and Barriers: Fulfilling the Potential of Women in Academic Science and Engineering.** Washington: The National Academies Press, 2007.

NAZÁRIO, H. R.; REINO, L. S. S.; MANFREDINI, R. A Hermenêutica de profundidade e suas aplicações, **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**, v. 10, n. 2, p. 288-305, 2016.

NICHOLSON, R. No More Boys and Girls: Can Kids Go Gender Free? review – reasons to start treating children equally. **The Guardian**, 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/tv-and-radio/tvandradioblog/2017/aug/17/no-more-boys-and-girls-can-kids-go-gender-free-review-reasons-to-start-treating-children-equally>. Acesso em: 29 out. 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **No Dia Internacional da Mulher, ONU pede fim de todos os tipos de violência de gênero.** 2013. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/no-dia-internacional-da-mulher-onu-pede-fim-de-todos-os-tipos-de-violencia-de-genero/>.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Unicef: progresso evitou 25 milhões de casamentos infantis na última década.** 2018. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2018/03/1613122>.

SAITOVITCH, E. M. B.; BARBOSA, M. C.; FUNCHAL, R. Z.; DE PINHO, S. T. R. et al. Gender equity in the Brazilian physics community at the present time. **AIP Conference Proceedings 1697**, 2015.

SANTANA, A. Um antropólogo em Vênus: análise da participação masculina no movimento feminista a partir de experiências na Física. In: STEVENS, C.; OLIVEIRA, S.; ZANELLO, V. **Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas.** Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2014.

SCALA, F.; PATERSON, S. Gendering Public Policy or Rationalizing Gender? Strategic Interventions and GBA+ Practice in Canada. **Canadian Journal of Political Science**, v.50, n.2, p.427-442, 2017.

SAX, L. Por que gênero importa. 1ed. LVM Editora, São Paulo, 2019.464p.

SILBEY, S. Why Do So Many Women Who Study Engineering Leave the Field? Harvard Business Review. 2016.

SOARES, A. L. Violência: nascer mulher define existência social, diz ONU. Mundo. 2018. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/violencia-nascer-mulher-define-existencia-social-diz-onu,1f73983035526410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>. Acesso em: 30 out. 2019.

THOMSON, J. B. **Hermeneutics and the Human Sciences**: Essays on Language, Action and Interpretation. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

THOMSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna**: Teoria Social Crítica na Era dos meios de comunicação de massa. Petropolis: Vozes, 2011.

VAN DER LEE, R.; ELLEMERS, N. Gender contributes to personal research funding success in The Netherlands. **PNAS**, v. 112, n. 40, p. 12349-12353, 2015.

VERONESE, M. V.; GUARESCHI, P. A. Hermenêutica de Profundidade na pesquisa social. **Ciências Sociais Unisinos**, 42, n. 2, p. 85-93, 2006.

WESSEL, L. Female scientists face gender bias in NIH grant process. **Stat**, 2016. Disponível em: https://www.statnews.com/2016/07/29/women-in-science/?s_campaign=trendmd. Acesso em: 29 out. 2019.

WORD ECONOMIC FORUM. Committed to improving the state of the world. **The Global Gender Gap Report 2018**. Geneva, 2018.

Recebido em 16 de abril de 2020. Aprovado em 15 de setembro de 2020.

A **Revista Educação, Cultura e Sociedade** é uma publicação da Universidade do Estado do Mato Grosso, Brasil, iniciada em 2011.